

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

20.º Anno — XX Volume — N.º 683

20 DE DEZEMBRO DE 1897

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

Quanta vez se falava n'isso! Quanta vez se dizia: — Quando o Mousinho chegar, é que ha de ser festa!

Eil-o finalmente entre nós. Desembarcou na ponte do Arsenal na manhã de 15 d'este mez e mil peitos soltaram entusiasticos vivas ao heroe das ultimas campanhas d'Africa.

A recepção foi o que devia ser, e o povo portuguez mostrou perceber que tinha na sua frente um dos mais valentes militares, que honram com seus feitos o livro immoreduro de historia patria.

Dilataram se os peitos para melhor deixar vibrar os corações. El-rei abraçando cheio de entusiasmo o heroico militar e o mais humilde dos espectadores, entre o povo aclamando-o, ambos sentiam talvez a mesma lagrima de commoção tremeluzir gostosamente nas palpebras.

Os velhos livros em prosa e verso, cantam factanhas de portuguezes em além-mar, nas costas da Africa, nas praias da Asia, em todo esse immenso littoral, onde heroica tremulou ao sol de mil victorias a bandeira branca. A historia moderna não havia de ser escripta eternamente com essa tinta negra com que se descrevem miserias, pobreza, desprestigio.

Mousinho de Albuquerque apparece-nos, depois da victoria, gigantesco como alguns d'esses velhos heroes. Commandando um grupo de homens destemidos, humildes, mas sabendo comprehender o dever e tendo um sentimento purissimo de amor patrio, os seus feitos em Africa mereciam ser descriptos nas bellas estrophes em que os poetas d'outros seculos cantaram os heroes do seu tempo.

Fôra a França, fôra a Hespanha, quem assim se houvera assignalado, que lendas em volta d'aquelle nome, que hymnos triumphaes ao voltar das tropas! Ninguem se atrevêra a querer amesquinhar uma gloria, a lançar uma sombra sobre tanta luz!

«Os homens publicos não devem ter a pretensão de ser por todos apreciados com favor.» E Mousinho, resignado, mais não disse a quem lhe falou na polemica ha pouco travada na imprensa relativamente á prisão do Gungunhana.

O povo não quiz saber d'isso. Logo que Mousinho appareceu aclamou-o, e as palmas seguiram-o em todo o longo percurso desde o Arsenal pelo Aterro, Rampa de Santos, até á rua das Trinas.

No Arsenal fôra recebido por El-rei, Principe Real, Infante D. Afonso e muitos officiaes de terra e mar.

Ao passar pelo Caes de Sodré um grupo de estrangeiros victoriou-o delirantemente.

Ao encontro do *Peninsular*, em que Mousinho embarcára na Ilha da Madeira, partiram de Lisboa tres vapores conduzindo a familia e amigos do illustre militar, o Presidente e muitos vereadores da Camara Municipal de Lisboa, membros da Associação Commercial e corpos gerentes das Associações Industrial e Commercial e Logistas de Lisboa.

A's nove horas o *Peninsular* entrava a barra. Todos os que cheios de impacencia o esperavam

THEATRO D. AMELIA



JUDIC

soltaram entusiasticos vivas. O cortejo seguiu até ao quadro. Muita gente enchia os pontos altos da cidade, d'onde se avista o Tejo.

No Arsenal, assim que El-rei passou, ninguém mais respeitou as ordens dadas, e todos em tropel, n'uma anciedade, invadiram a ponte.

A' porta do Largo do Pelourinho cem policias mal continham o povo cheio de curiosidade, ansioso por soltar o primeiro viva.

Tendo-se El-rei despedido, sahio Mousinho de Albuquerque do Arsenal, acompanhado por muitos officiaes, e, montado n'um bello cavallo branco, ao lado dos generaes Lencastre e Menezes, Conde de S. Januario e Queiroz, encaminhou-se para casa.

O tempo, que estivera horrivel n'estes ultimos dias, abonançou. Raios de sol vivissimo quizeram tomar parte na festa; a cidade illuminou-se.

A casa de Mousinho, no alto da rua das Trinas, durante o dia inteiro, esteve cheia de amigos e collegas que o foram felicitar.

Mousinho de Albuquerque vem magnifico de saúde, um pouco mais magro e queimado. Diz que, ha muito, se não sente tão bem.

A' noite, promovido pela Tuna Academica, realisava-se um sarau no Colyseu dos Recreios, em beneficio da Tuna e do Instituto Ultramarino. Mousinho, instado pelos estudantes para que comparecesse, aceitou o convite. Tanto bastou o aviso em letras d'oiro nos cartazes para que o Colyseu se enchesse.

El-rei, com quem Mousinho jantára no Paço das Necessidades, não poude comparecer no espectáculo, por ser esse dia o anniversario da morte d'El-rei D. Fernando.

Quando o valente official appareceu n'um camarote de primeira ordem, a meio do espectáculo, todos os espectadores se ergueram e, ao som do hymno nacional, fizeram-lhe uma estrondosa e commoventissima ovação.

Discursaram dos camarotes os srs. aspirante Leopoldo Saraiva e o estudante Jaime Ribeiro.

No dia seguinte realisou-se o *Te-Deum* na Sé pelo sr. Patriarcha.

Em honra de Mousinho teremos ainda varias festas, jantares de gala no Paço real de Ajuda, e outros a convite dos officiaes de cavallaria e dos membros do Turf, touradas, espectaculos theatraes, etc.

O jantar dado por El-rei ao illustre official é de duzentos e cincoenta talheres e para elle fôram convidados todos os ministros e conselheiros de estado, presidentes das camaras, todos os altos dignitarios do Paço e as casas civil e militar.

O nome de Mousinho é um dos mais gloriosos de Portugal na actualidade. Todas as honras lhe podem caber por honra nossa. É um nome conhecido e illustre no mundo inteiro. O imperador Guilherme de Allemanha condecorou-o com a cruz de ferro; o presidente da Republica do Transvaal acolheu-o como hospede do estado.

Quando os italianos foram derrotados na Abyssinia, houve na imprensa franceza, geralmente pouco lisongeira para comnosco, quem lhes apontasse para o heroismo dos portuguezes na Africa do Sul. E diziam-lhes: «Tivessem os italianos um punhado de soldados como aquelles, e não teriam sido derrotados pelas tropas de Menelik!»

Que admira portanto que se alvorocem os corações? Mousinho é um symbolo. As palmas, os bravos, os vivas não vão só para elle. Elle é o representante de todos os heroes, que todos seus companheiros o fôram, commandados por elle!

Mousinho de Albuquerque soube cumprir um dever e tanto bastou para bem merecer de todos nós, filhos d'uma mesma patria.

Bastaria, para exaltar os actos de Mousinho, relembrar a lenda pavorosa que se fôra formando em volta d'esse tyranno Gungunhana, que, hoje, no forte da Ilha Terceira, passa, prisioneiro, os dias tristes, passeando na esplanada, olhando para o mar, recordando tempos idos de poderio immenso. Esse homem lendario, que todos os viajantes classificavam de quasi omnipotente n'aquellas vastissimas regiões tão inhospitas para europeus, foi vencido pela bravura doida d'um homem commandando meia duzia de rapazes de boa vontade, ebrios pelo exemplo, correndo para o perigo com o sorriso nos labios!

Temos uma divida a pagar, divida de gratidão. Combates successivos fôram enfraquecendo o enorme poderio do despota africano. Marracuene, Magul, Manjacaze, Coolela eram já nomes reluzentes, que enchiam as almas de entusiasmo. Mas a campanha não terminára; o ponto final faltava ainda; as almas não socegavam.

Um dia veio uma noticia, que a todos encheu de jubilo. O regulo revoltado, o tyranno lendario,

o barbaro Gungunhana, cuja audacia tantas vidas nos custára, era afinal aprisionado, cahira desfallecido em mãos de portuguezes.

E para remate da epopea Mousinho com a sua espada escrevera mais uma estrophe:— Chaimite!

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

JUDIC

Apresentou-se ao publico de Lisboa, no theatro D. Amelia, representando a *Lili*.

Vimol-a, ha quasi trinta annos. Era a Judic uma rapariguinha linda, um verdadeiro amor, com a sua vizinha muito fresca, a bocca pequenina em que sempre adejavam sorrisos, os olhos scismadores, levemente maliciosos.

Ainda então a fama lhe não apregoara o nome pelas cinco partes do mundo; mas já a gentil pequena galgava a quatro e quatro os degráos do throno de flôres, em que ha tantos annos a vemos sentada, empunhando um sceptro feito de emblemas alegres.

Cantava então no Alcazar de Bruxellas, um theatro de ultima ordem, em que se bebia cerveja, se fumava e todos estavam de chapéu na cabeça.

Mas, quando a Judic entrava, era um encanto! Poisavam-se os bocks em cima das mezas de madeira pintada a fingir marmore, tiravam-se das boccas os cachimbos, todos os olhos se fitavam no palco, e ella, com o seu arsinho de ingenua maliciosa, já então primeira no seu genero mas ainda mal conhecida, cantava suavemente *La première feuille*, cançoneta lyrica que punha uma lagrima nos olhinhos dos bebados, ou *Le trou de la serrure*, estrophes bréjeiras que ella dizia com aquella innocencia, que a tornou tão celebre.

Um anno depois, já a Judic cantava nos Buffos Parisienses *La Timbale d'argent* e era aclamada por todos como um dos astros fulgentissimos da opera comica.

Passaram-se os annos. Releiam velhos jornaes de 1871, vejamos o que n'elles se dizia da graça, do encanto, da formosura d'aquella quasi debutante em plena primavera da vida, como lhe cantavam a frescura da voz, a infantilidade das gargalhadas, a mocidade dos olhos brilhantes, e, depois de a applaudirem na *Lili*, digam-se não é ainda a mesma mulher dotada pelas fadas com uma juventude eterna, uma graça encantadora, um poder mysterioso de fascinação.

Poucas artistas conseguiram até hoje um nome tão universalmente conhecido. É que Judic entregou-se d'alma e coração á arte e com ella vai supprindo o que os annos lhe vão roubando.

E' no seu genero a primeira, e bem mereceu as palmas com que a saudaram no theatro D. Amelia.

O VALLE DA SEROMENHA

O rio Douro atravessa no territorio portuguez, durante toda a sua extensão, varias regiões de extraordinaria belleza alpestre. São muito raros os viajantes que se aventuram a percorrer essas uberrimas terras, não obstante a grandissima fama dos seus preciosos vinhos, e porque ignoram a physiognomia natural, quasi mysteriosa, de tão privilegiada região. Mas a ignorancia estende-se tambem aos nacionaes, que não tiveram ensejo de percorrer esse formosissimo valle de que a nossa estampa dá uma ideia.

O alcantilado valle da Seromenha é a parte por onde as corôas do Marão se mostram ao navegante e enviam ao Douro o seu tributo de aguas.

E' pois, a photographia d'esse valle, que a natureza ornou de fragoas e penedias, de ravinhas e de reconcavos, que offerecemos ao leitor na nossa gravura da pag. 276.

UMA FLORISTA DE BARCELONA

A florista ou mais propriamente a vendedeira de flôres é, nos paizes mais civilizados, um typo que não se confunde facilmente com tantos outros de vendedeiras ambulantes.

Em geral a florista é uma rapariga bonita, vestindo com modestia, mas com certa elegancia e

aceio, procurando, por ventura, ser tão agradável aos compradores, como as flôres que lhes vende, e é este todo de finura e de educação, que lhe dá um logar áparte no meio das outras vendedeiras ou regateiras.

Mas se isto se observa nas cidades mais civilizadas da Europa, não se poderá incluir n'esse numero Lisboa onde a industria e o commercio de flôres, que parece ter sido explorado em tempos passados, chegou quasi a perder-se, e é dos nossos dias o seu renascimento com todos os progressos que esta industria tem attingido lá fóra.

Em Lisboa as vendedeiras de flôres não se destacam das outras vendedeiras pelos arrebuques e aceio do seu traje e antes pelo contrario, mostram-se mais miseraveis que as outras, andrajosas e, em geral velhas, que até parece que as flôres perdem a belleza e o viço nas suas mãos. Quando não são velhas que fazem este commercio, são velhos ou mantolões de má catadura que offerecem á venda rosas, crysanthemos ou violetas, aos transeuntes. Raparigas raras vezes se empregam n'este mister, e essas não se mostram menos miseraveis que os collegas, no desmazello do seu vestuario, no aspecto doentio e cara de fome que apresentam.

A causa d'este abandono é, a nosso vêr, a pouca importancia que o commercio de flôres tem ainda entre nós pelo pouco uso que d'ellas se faz nos nossos habitos de vida.

Na maioria das casas não se encontra uma flor a decorar a sala das visitas, o toucador ou a mesa de jantar. A muitos parece ridiculo o trazer flôres na lapela do casaco e é caso grave e circumspecto o offerecer uma flor, um raminho a uma senhora ou a uma menina, entre pessoas que se conhecem e estimam.

D'esta parcemonia resulta o fraco consumo de flôres para os pobres vendedores das ruas, que assim vêem medrar pouco o seu commercio, que mal lhes dá para as necessidades mais instantes da vida.

Ahi está a causa da grande differença que se nota entre as floristas de Lisboa e as suas collegas no estrangeiro como a bella florista de Barcelona que faz o assumpto da nossa gravura.

VENANCIO PEDRO DE MACEDO ALVES

CHEFE DA ESCOLA E OFFICINA DA CASA DA MOEDA

Saudar nas paginas de historia o nome dos homens uteis á sua patria, e mui principalmente o d'aquelles que consagram os mais bellos dias da sua vida ao progredimento das artes e das industrias, é o dever da imprensa imparcial e conscienciosa.

Um dos objectivos do escriptor publico, limpo d'essas pequeninas invejas que tudo estragam e corrompem, é o devido preito prestado ao saber e á intelligencia; á actividade que tudo alcança e á perseverança que tudo vence.

É já uma verdade incontestavel, e incontestada, que o principal fundamento da força e do vigor nos povos e a origem de todos os seus desenvolvimentos moraes e materiaes, é o TRABALHO, essa sublime applicação das facultades dos homem, a que na moderna sociologia se chama: *o espirito da espontaneidade individual*.

Paiz que não tenha para todas as artes e officios, para todos os misteres e profissões, homens competentes e cidadãos honestos e virtuosos, não pode ser rico nem attingir, sequer, o mais secundario logar de honra entre as nações cultas.

É aos labores physicos e intellectuaes das gerações successivas que muitos povos da terra devem o que hoje são.

Portugal tem sido fertil em trabalhadores esforçados e pacientes de todas as classes e condições, mas, desgraçadamente para o nosso estado economico e progressos artisticos, os nossos governantes só teem curado de politica, preocupando-se muito pouco ou quasi nada com o aproveitamento das multiplices aptidões d'essa numerosa phalange de artistas que jaz em grande parte ignorada, desprezada até, esquivando-se, como que envergonhada, á devida homenagem que de certo lhe prestaria a sociedade agradecida, se os indefessos operarios da civilisação, de que essa phalange se compõe, houvessem sido bafejados pelo sópro benefico e vivificante dos poderes do estado.

Entre os actuaes artistas portuguezes, um que mais jus tem a ser contemplado com o devido preito e agradecimento dos seus contemporaneos, é seguramente aquelle que hoje nos faz traçar no OCCIDENTE estas singelissimas linhas, e, — ai de

nós! — também as traçamos com mão tremula no occidente da nossa vida, e por isso não é para estranhar que ellas tragam a marca da franqueza e sinceridade que n'este ultimo quartel da vida nos impulsiona o coração.

Venancio Pedro de Macedo Alves é um verdadeiro artista, de tão elevados talentos e aptidões na sua arte como de excessiva modestia no seu modo de se julgar e avaliar. A sua applicação constante ao estudo, o seu innato amor ao trabalho, o tem guindado, com applauso de todos os seus amigos e collegas, desde o humilde logar de alumno da antiga escola de gravura da Casa da Moeda, onde foi admittido em 15 de fevereiro de 1866, tendo apenas treze annos de idade, até ao considerado logar que hoje occupa.

Onze annos depois — em 3 de outubro de 1877 — foi nomeado praticante de gravura; em 22 de fevereiro de 1894, promovido ao logar de 2.º gravador da Casa da Moeda, e, finalmente, em 17 de maio do mesmo anno, foi-lhe dada a nomeação de 1.º gravador e chefe das officinas de gravura d'aquelle importante estabelecimento do estado.

A bonhomia captivante com que Venancio Alves trata os seus subordinados, a maneira fina e delicada com que elle sempre corresponde ás atencões e observações dos seus superiores, tem-lhe conquistado, não só as geraes sympathias dos empregados da Casa da Moeda, mas apertado estreitamente os laços de confraternidade artistica que o prendem aos seus collegas e admiradores.

Servindo successivamente sob as ordens dos conselheiros directores d'aquelle Casa, sr. Mathias de Carvalho, sr. D. José Saldanha d'Oliveira e Sousa, irmão do sr. conde de Rio Maior, e ultimamente com o sr. Augusto José da Cunha, hoje nobre titular das obras publicas, commercio e industria, Venancio Alves tem sabido captar a sua estima e conquistar-lhes os mais calorosos elogios pela maneira digna, zelosa e intelligente com que se tem desempenhado das missões de que tem sido encarregado, não tendo tido pequeno quinhão n'esses encomios — devemos dizel-o — os seus habeis discipulos de que elle, com o fino tacto de mestre, sabe estudar as aptidões, guiando-os com mão carinhosa e altruista, encaminhando-os nos segredos da arte e imprimindo-lhes o brilho, como o joalheiro experimentado escolhe e aprecia d'entre as pedras falsas e de fulgor duvidoso, as gemas preciosas e os diamantes da mais fina agua.

Em 1889 foi Venancio Alves, á sua custa, visitar a exposição universal de Paris, e estudar os modernos processos de gravura em metal, sendo premiado com a medalha de prata.

Longa seria a ennumerção dos valiosos serviços d'este zeloso artista e funcionario. Limitamo-nos, pois, a enunciar os que nos occorrem aos bicos da penna...

A modelagem e gravura da moeda do quarto centenario da descoberta da India pertencem á sua execução. E' trabalho primoroso, e para que se faça uma pequena ideia da sua nitidez e perfeição aqui a reproduzimos das copias photographicas que se tiráram.

As peças de moeda, cunhada em prata, são de 200, 500 e 1:000 réis, as duas primeiras do tamanho da actual moeda corrente e a de 1:000 réis do mesmo diametro das antigas peças do mesmo valor, que se cunharam no reinado da senhora D. Maria II. A sua cunhagem é perfeitissima, como tudo o que sae d'aquelle estabelecimento do estado. No averso, ou *averso*, tem em relevo as effigies, em busto, (sobrepostos) d'el-rei senhor D. Carlos e sua esposa a rainha D. Amelia. Em torno os dizeres CARLOS I REI E AMELIA RAINHA DE PORTUGAL. No reverso, a Cruz de Christo com a legenda, disposta em circulo: IN LOC SIGNO VINCES — 1498-1898 e na circumferencia: 4.º CENTENARIO DA DESCOBERTA DA INDIA — 1:000 réis.

Tambem é devida ao seu magnifico buril a gravura das duas medalhas cunhadas na mesma Casa, para com ellas se galardoarem os serviços de expedicionarios á India e Moçambique. Essas medalhas tem na face principal o retrato da nossa formosa e gentil rainha, modelado pelo sr. Simões d'Almeida. E' obra artistica de primeira ordem. No reverso, d'uma lê-se, ao centro d'uma corôa de louro: EXPEDICÃO Á INDIA. 1895. No reverso, ou face opposta da outra, acha-se, tambem ao centro d'uma corôa de louro, a legenda: EXPEDICÃO A MOÇAMBIQUE. 1894-1895.

Foram estas medalhas cunhadas na officina de gravura em numero approximado de cinco mil, e acham-se, de ha muito, promptas para com ellas se condecorarem os agraciados. Por circumstancias que ignoramos, mas de certo bastante censuráveis, ainda não foram entregues e não podemos attingir a razão porque a Patria agradecida tem deixado até hoje, de pagar o que deve, e de dar o justo e merecido galardão aos seus filhos, que

por ella tanto soffreram e que tanto a honraram!

Quando se trata de recompensar o brio e o valor d'esse bravos, que tão heroica e nobremente se assignaláram nos campos da batanha d'alemmar, mostrando ao mundo que os portuguezes d'hoje ainda valem tanto como os d'outra, no momento em que as nações colonias tem os olhos fictos em nós, applaudindo, admiradas, surpresas até, esses feitos heroicos, porque se espera? Porque é que junto a esses bravos corações, que batem tão nobremente pela honra e gloria da sua patria, não fulgem ainda aquellas insignias que irão attestar aos vindouros os seus altos feitos valerosos e que servem no presente, nas fileiras do exercito portuguez, como estimulo ao soldado timido e bisonho para o incitar nos seus brios e aos seus deveres?

Que responda a estas perguntas quem o souber ou quizer, e retomemos o fio dos nossos apontamentos acerca do nosso illustre biographado:

E' á competencia de Venancio Macedo Alves que se acha superiormente encarregada a gravura da moeda metallica corrente no reino com a effigie do sr. D. Carlos, bem como a dos punções das contrasterias para a marcação official de ouro e prata de lei, gravuras microscopicas nas quaes elle é tão insigne que difficil seria achar quem possesse excedel-o.

Da execução d'estes e d'outros trabalhos tem-se Venancio Alves sahido com tanto zelo e proficiencia que el rei acaba de o recompensar com o grau de Cavalleiro da muito antiga nobilissima e esclarecida ordem de S. Thiago de merito scientifico litterario e artistico.

E aqui finaliso tendo como certo que não serão estas as ultimas distincções conferidas a cidadão tão prestante. Venancio Alves está ainda bastante moço; conta apenas quarenta e quatro annos de idade, pois que nasceu em 31 de janeiro de 1853, e portanto ainda tem largos horizontes na sua vida de artista.

Continue o distincto gravador a caminhar na mesma senda do trabalho honesto, da honra e do dever e estas singelas linhas que aqui tão frouxamente traçamos, não serão em breve mais do que pallidos reflexos do que elle vale e do que ainda produzirá de util e bom na sua difficil arte. Nos tempos idos de Julio Cesar o poeta latino Publius Syrus escrevia:

A gloria chega quando o trabalho tem desbravado o caminho.

Esta sentença, escripta ha tantos seculos por um homem que tanto soffreu para chegar ao que chegou, é ainda hoje uma verdade.

Silva Pereira.

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

XVI

(Continuado no n.º 679)

Conta Pigaffeta, que quando desembarcou, o rei levantou as mãos ao ceu, e se virou para os visitantes que fizeram outro tanto.

Era isto signal de boa paz e de que tinham os estrangeiros como enviados de Deus. Depois dirigiram-se para um alpendre feito de cannas, debaixo do qual estava um *balangai*, embarcação de uns cincoenta pés de comprimento, e se sentaram á poupa com o rei. Ali foi servida carne de porco e vinho e só Pigaffeta é que se atrevia a tocar na escodella do rei quando bebia. Os da comitiva do rei estavam de pé e armados de lanças e escudos.

Apezar da falta de um interprete da lingua, entenderam-se por signaes e assim foi Pigaffeta tomando nota da significação de muitas palavras da lingua d'aquelle paiz, escrevendo-as no seu caderno, admirando-se todos muito de o verem escrever!

Ao fim do dia tornaram a comer carne de porco guisada e arroz, servido em grandes pratos de porcellana, beberam mais vinho por escudellas e quando acabou esta refeição, foram para o palacio do rei, que era em forma de uma grande meda de feno, coberto de folhas de platano, e subiram para os aposentos reaes por uma escada de mão.

Meia hora depois de ali estarem foi servida nova refeição de peixe assado, gengibre e vinho. N'essa occasião viu Pigaffeta o filho mais velho do rei que veio sentar-se ao seu lado.

Esta refeição durou mais algum tempo sendo servido mais peixe e arroz e o companheiro de Pigaffeta bebeu tanto vinho que se embriagou.

Foi um verdadeiro dia de festa depois de tantos mezes de privações.

N'aquella noite Pigaffeta e o seu companheiro dormiram no palacio do rei ao lado do principe herdeiro, todos deitados em esteiras de cannas tendo por cabeceira almofadas de folhas d'arvores.

Era o mais a que chegavam as commoções da vida d'aquelle povo, apesar de no paiz abundar o ouro, que facilmente se encontrava misturado com a terra, em pedaços do tamanho de nozes e de ovos.

No palacio do rei havia jarros e muitos outros objectos fabricados d'aquelle metal. O rei trazia brincos de ouro nas orelhas e os copos da sua espada tambem eram do precioso metal.

No dia seguinte o rei convidou Pigaffeta e o seu companheiro para almoçarem, mas os dois retiraram para bordo, agradecendo a boa hospitalidade, beijando n'essa occasião o rei as mãos dos visitantes ao que estes corresponderam beijando as mãos do rei.

Assim entabolaram os navegantes relações com a gente da ilha de Masavá que tão bem os recebeu, que a frota ali se demorou até 4 de abril, em que de novo se fez ao mar no prosequimento da sua derrota.

Durante o tempo, porem, que ali permaneceu passou o domingo de Paschoa e n'esse dia desembarcou uns cincoenta homens meios armados com o respectivo commandante, e um padre para dizer missa em terra, n'um altar, que para esse fim se armou.

Foi grande a admiração d'aquellas gentes quando isto viram e perguntados se não professavam nenhuma religião, responderam erguendo as mãos para o ceu, como que dando a entender que reconheciam um ente supremo a que chamavam *Abba*.

Assistiram os reis á missa e ao offertorio, beijaram a cruz e adoraram a hostia consagrada, imitando tudo que viam fazer aos christãos.

Quando terminou a missa Magalhães apresentou uma cruz grande, diante da qual todos se ajoelharam incluindo os indios, e fez entender ao regulo que aquella cruz era o estandarte que o rei christão lhe havia



VALLE DA SEROMENIA

(Copia do *Dono Illustrado* edição dos srs. Magalhães & Meniz)

confiado para implantar em toda a parte que chegasse; que n'aquella terra a ia collocar no sitio mais elevado para que todo o mundo a visse e a todos dêsse signal de ali terem sido bem recebidos pelos naturaes, o que faria que outros que aportassem aquella ilha os tratassem bem. Que os habitantes d'aquel-

gumentar a auctoridade moral de Magalhães sobre a sua gente.

XVII

É d'aqui em diante que se vai passar a tragedia mais horrivel, que enlutou a temeraria empreza de Magalhães.

de casas construidas sobre arvores collosaes.

Era a ilha de Zubú.

Magalhães entrou em commercio com o rei d'aquella ilha, não sem alguma difficuldade, pois que o regulo queria que os hespanhoes lhe pagassem igual tributo ao que era



UMA FLORISTA DE BARCELONA

la ilha deviam, todas as manhãs fazer adoração áquella cruz, por que ella era o symbolo da redempção.

O rei prometeu a Magalhães fazer o que este lhe dizia e ordenar aos indios que assim o observassem.

A docilidade d'aquella boa gente deixou captivados os navegantes e fortaleceu-lhes o animo para seguirem na sua empreza civilisadora, não concorrendo menos para au-

A 4 de abril de 1521 largou a frota do archipelago de S. Lazaro, depois denominado das Philippinas, como já ficou dito, e dirigiu o rumo para a ilha de Zubú, que o regulo de Masavá lhe indicara como um dos portos mais importantes e mais proximos, para entrar em commercio,

Effectivamente, decorridos tres dias de viagem, avistaram uma ilha, e aproximando-se d'ella viram que era muito povoada

imposto ás embarcações das ilhas visinhas que vinham áquelle porto.

Costou a convencer o rei de que os hespanhoes não lhe pagariam tal tributo e antes pelo contrario o exigiriam para si e lhe fariam guerra se o rei prestasse n'essa imposição.

Trocadas explicações de parte a parte, o rei de Zubú reconheceu a inconveniencia e entron em boa amizade com Magalhães, an-

nuindo a dar privilegio aos hespanhoes para estabelecerem commercio na ilha, unica exigencia que faziam e direito que se reservavam.

Foram, porem, mais longe as boas relações que entabolaram com aquella gente. O rei de Zubú manifestou desejo de ser christão depois de ouvir as façanhas praticadas por portuguezes e hespanhoes animados da grande força moral que a religião do crucificado dava aos que observavam a sua lei.

O baptismo do rei de Zubú celebrou-se com grande aparato, e não só este rei mas muitos outros regulos ou senhores d'aquella ilha, rainhas e boa parte da população receberam a agua do baptismo.

Não se poderá afirmar que a convicção ou a fé os movesse a tão facilmente abraçarem a religião de Jesus Christo porque de certo o espirito d'aquella gente não poderia estar preparado a compreender toda a sublimidade do christianismo, mas sim os atrahiu a curiosidade e ainda mais a idéa de que o baptismo lhe daria mais coragem e valor para vencerem seus inimigos nas guerras que traziam com os povos visinhos.

Sim, isto sobre tudo é que os devia ter attrahido.

Viam ali gente christã que os deslumbrava com o seu poder, que elles consideravam como sobrenatural, quando a artilheria disparava tiros retumbantes, e a mosqueteria fusilava lume pelo ar, e sem poderem ainda apreciar a grande vantagem das armaduras contra as quaes se embutariam as suas agudas setas, pois não haviam entrado em lucta, o fogo das armas lhes bastava para os maravilhar apesar dos christãos só terem dado descargas de polvora secca.

Dominados aquelles indigenas pelo prestigio dos christãos, foi relativamente facil a Magalhães obter d'elles quanto queria, e assim o rei de Zubú jurou, solememente, fidelidade a Carlos V e com elle todos os senhores da ilha submissão ao imperador das Hespanhas.

Não obstante o reconhecimento da auctoridade de Carlos V e da submissão dos habitantes da ilha de Zubú, o senhor ou rei de outra ilha proxima, não approvou o procedimento dos seus visinhos e por isso, quando ali foram os hespanhoes, para entabolar relações, o rei negou-lhes obediencia.

Isto deu logar a uma demonstração de força dos hespanhoes, que incendiaram uma aldeia da ilha retirando-se depois nas chapulas.

(Continúa) CAETANO ALBERTO.



FORMOSURA PORTUGUÊZA

Conto histórico do tempo dos francezes

(Continuado do numero anterior)

XII

— Obrigada, Luiza. Ao entrar n'esta casa, como noviça, abandonei familia e pátria, quebrando portano todos os laços, que me prendiam ao mundo, que não quiz para meu.

— Tanto elle a fez sofrer!

— Assim foi, minha menina. Agora só peço ao Senhor, que me dê na outra vida a tranquillidade, que esta me não deu, quando, cheia de mocidade e crenças, me entregava a illusões mentirosas, de... de que fui victima. Que doideira a minha, filha, estar a falar-lhe de coisas tristes em occasião de tamanha alegria! Ah! vem minha cunhada.

Adolfo que tinha corrido ao encontro da liteira, entrava com a baronêza de Juvat pelo braço, uma respeitavel senhora, de cabelos levemente salpicados de branco, rosto pálido e ainda bello, pôsto que um ar de sofrimento lhe cavasse alguns sulcos entristecedôres.

As duas cunhadas abraçaram-se.

Luiza ficou por detraz da abadessa, que se adiantou, e por tanto não foi logo vista pela senhora de Juvat.

Ao desligar se do abraço, a rapariga e o filho ajoelhavam-se-lhe aos pés.

Foi a sua vez de ficar estupefacta.

A formosura de Luiza era um deslumbramento, que a todos fazia indelevel impressão.

— Tinha eu razão, minha mãe? — interrogou risónho o official, percebendo a admiração da baronêza.

— Força é confessional-o. Levante-se, minha filha. «Se for tão recomendavel pelas virtudes como o é pela extraordinária bellêza, que possui, Adolfo será com certeza o mais ditoso dos homens.

— Hei de sêl-o, mamã. Assim o espero.

A baronêza, depois de abraçar Luiza, desviou-a de si, encarou-a muito, contemplou-a detidamente, puxou-a de nõvo para si, beijou-a, e tornou a beijal-a em ambas as faces.

Desta vez, Luiza, encantada por semelhante acolhimento, correspondia ardentemente aos afagos, que recebia, e chorava de verdadeiro contentamento.

— Não chore, minha filha. Não tenha saudades de outras terras. A nossa Bretanha é um lindo paiz, que não pode deixar de agradar-lhe. Verá... verá. De que chora?

— De alegria, senhora baronêza.

— E que fala de serêia, que ella tem? Se Portugal possui muitas bellêzas destas...

— Não possui, mamã. Esta era a maior e melhor de todas, senão a unica.

— Vaidoso! É uma formosura, que vale muitas formosuras. Estãmos em terras de Hespanha: a tua fanfarronada pôde admitir se. Mães... agora reparo que a tua nõiva ainda me não tratou, como deve.

— E como devo tratal-a, senhora? Adolfo é o seu retrato vivo. Como não hei-de eu amal-a, desde já?

— Sim, senhora... muito bem dito. Ora trate-me como se já fora de facto a mulher de meu filho.

— Minha mãe! minha mãe?

— Ora graças a Deus! Parece-me até que me sinto remoçar. Que podêr têm a finura e a bellêza! Obrigada, minha linda filha.

— Não é assim, mamã? Todas as nossas damas da Bretanha, todas as provincianas de fama e as francezas em geral vão ficar ciosas de Luiza.

— Jesus, filho! Bem digo eu que a permanencia em Hespanha te deu já um dos seus mais notados caracteristicos... o do exagêro. Isso é uma hespanholada, filho. Cunhada, que fez do juizo do meu filho?

E, dizendo, a baronêza de Juvat abraçara Luiza, para depois acariciar o filho, e murmurar como que de si para si:

— Elle teve razão. Um encanto! Não havia que resistir. Teve razão... teve.

E riam todos, e trocavam finêzas, que eram o prognóstico mais seguro, que a Luiza podia sêr dado, da sua felicidade futura.

E a educanda de Hoyos, nas explosões do seu casto jubilo, não esquecia que a freira educadôra devia uma grande parte de si própria.

E por isso em beijos e lágrimas de reconhecimento lhe afagava as mãos fidalgas.

E a priorêza commovia-se, augurando.

— Ha de têr a ventura, que merece, minha filha. Deus é justo... e a menina é um anjo.

XIII

O casamento do brilhante official barão de Juvat, já então coronel do exercito francez, com Luiza Corrêa de Carvalho, a formosa portuguezã, foi um estrondoso successo na Bretanha, não só pela qualidade hierárchica do nõivo como pela nacionalidade da nõiva e especialmente por sua rara formosura.

Como nada se soubesse da sua genealogia, e como ao consórcio não acorreram parentes seus nem outra gente da sua nacionalidade, formou-se desde logo uma curiosa lenda, que ninguém se atreveu a pôr em dũvida.

Luiza, como indicava o *de* do seu apelido, era uma fidalga de longinqua estirpe, uma castelã das margens do Mondêgo, uma formosissima dãma, em cujas veias corria o sangue romanêsco da dõna Ignez de Castro.

Vivia no seu castelo, pendurado pitorescamente nas ribas alterosas de um grande senhorio, reflectindo o seu vulto ameado nas formosas e poéticas águas do rio, como alguns castellos da Bretanha ou das encantadôras margens do Rhêno. Vivia a donzela na companhia de um pae ferrinho, que a fazia guardar por criados de má catadura e por gente de armas.

Juvat, num dos mais curiosos lances da campanha portuguezã, conquistara o castelo com um punhado de valentes, e arrebatara a casteiã, que, além da sua deslumbrante formosura, viria breve a sêr herdeira de uma casa poderosa e riquissima.

D'aqui se pode deprehender a grande admiração, de uma parte, o interesse e a emulação, com que, da outra, Luiza se acharia cercada, ao penetrar nos salões do seu torrão adoptivo, e, mais tarde, nos de Paris, onde seu marido, depois de têr feito a campanha da Rússia, foi assentar residencia, em virtude da posição elevada, a que chegara nos conselhos de guerra da mais elevada categoria.

A virtude de Luiza, como era de supôr, foi posta a prova, por muitas vezes, e n'outras tantas saiu victoriosa e triunfante dos assaltos e ciladas, a que os costumes francezes das próprias camadas superiores, entre as quaes vivia, se prestavam, e de que frequentemente faziam timbre.

Corrêram os tempos; e, apesar d'isso, ninguém poderia notar que os dõis desposados se não amassem com os mesmos extrêmos, diminuidas, já se vê, as exaltações do comêço.

Como é irrealizavel a ventura completa, no lar doméstico dos esposos Juvat, existiam desejos não satisfeitos e um vácuo, difficil de prehenchêr, que tornava as salas da sua aristocrática residencia solitárias e tristõhas.

Faltava a tão cubiçada descendencia.

Volvêram annos e annos, e falharam completamente as esperanças da posse de um filho.

Luiza, que no seu coração amantissimo tinha os tesouros de affecto, que as boas mães portuguezas costumam repartir pelos seus descendentes, deixou-se possuir de uma certa melancolia, augmentada por algumas ausencias prolongadas do marido, que não abandonara ainda a carreira militar.

E lembrava-se, ás vezes, da sua familia e do seu Portugal, de que não se esquecera nunca, e d'onde poderia têr noticias directas, se o marido lh'o consentisse.

Não lh'o consentiu elle nunca porêem, porque o seu lado vulneravel consistia na exaggeração de um patriotismo exaltado.

A sorte das armas francezas em Portugal tornara-lhe êste paiz odioso; e por isso tratou de quebrar todos os laços, que podessem, ainda que de leve, prendêr sua mulher á terra, em que nascêra.

Luiza, porêem, ou ella não encerrasse em si a sumula de várias perfeições, apesar de não sentir saudades da obscuridade, d'onde saíra, não olvidava a sua pobre terra, onde a imaginação, em horas de melancólico scismar, lhe collocava, em atitudes amorosas, os vultos de seus paes e irmã.

Que seria feito d'elles? existiriam ainda? estariam felizes, ou seriam desgraçados?

Ai! Quem podera sabêl-o!

Para se não esquecer da lingua, lia e relia, quando sosinha, alguns livros portuguezes e, por ultimo, dõis dos principaes jornaes, cuja assignatura lhe fora permitida.

E eram estas as unicas relações, que a ligavam ao seu paiz.

Achava tão pouco!

*
*
*

Decorrêram os annos. O barão de Juvat chegava á culminancia das postos militares.

Ao receber o bastão de marechal de França, requerera a sua aposentação, e resolvêra, a instâncias da sua mulher, recolhêr-se á vida privada, onde só entrasse o escol dos seus amigos.

Sentia-se velho; accedeu promptamente; e Luiza, que tanto brilhara pela sua educação, carácter, virtudes e formosura, na alta sociedade parisiense, celebrou com júbilo a perspectiva de um completo sócego doméstico.

Aos 50 annos de idade, tornára-se achacada, e o seu maior prazer consistia em administrar socegradamente a sua casa, povoada embora de numerosa criadagem, e em socorrêr os necessitados.

O esbelto capitão Juvat convertêra-se n'um velho gotoso, que passava horas e horas, no seu gabinete de estudo, a formular ainda muitos planos de campanha, e a lastimar a sorte de Napoleão, o grande.

Desgostára-se tambem com a falta de descendencia, mäs respeitava sua mulher, como se fôra uma santa, e não deixava ainda de adorar a formosura, que ella, verdade verdade, não perdêra ainda inteiramente.

— Estâmos velhos, Luiza, minha bóa Luiza — dizia o marechal, de quando em quando, em horas bem humoradas — mäs olhe que a sua formosura não murchou a meus olhos.

— Obrigada, meu amigo. Uma velha, com o sêr, nem sempre engeita os madrigaes... de um velho.

E riam-se os dois, muito affectuosamente.

A verdade era, que, enfraquecido o corpo, amorteceram tambem ódios e preconceitos.

Luiza, a marechala, que, apesar d'isso, continuava a sêr modestíssima, não se envaidecendo nunca, com honras e poder, conseguira do marido a annuêcia de procedêr a algumas indagações directas acêrca da sua familia.

Rejubilou a excellente senhõra.

O barão de Juvat, pelo seu lado, não tinha ao presente herdeiros forçados; e a sua opulenta casa não seguiria, como era costume entre a fidalguia, uma linha directa de successão.

Quem sabia se ainda alguns parentes da bondosa baronêza poderiam receber d'ali uma avultada herança, e sêr felizes, e abençoal-a de futuro?

Um dia, trinta e um annos depõis do desaparecimento de Luiza, o administrador do concelho de Arganil, pela via diplomática, recebia ordem de prestar informações a respeito da familia Corrêa de Carvalho, da aldeã de Sahil: quaes os sobreviventes, o seu estado, posição e idade.

Fõi respondido que eram de ha muito falecidos José Corrêa de Carvalho e sua mulher; e que os sobreviventes constavam de Maria Corrêa, viuva, e de sua filha Margarida, de 20 annos, casada havia mezes n'uma aldeã visinha.

Queriam dizer: existiam a irmã de Luiza, já viuva, e uma sobrinha, filha d'esta.

A baronêza de Juvat consagrou uma lágrima sinceramente saudosa á memoria de seus paes, e dirigiu-se ao gabinete do marido a contar-lhe o resultado das pesquisas, e a agradecer-lhe a finêza, que lhe fizera.

— E agora, Luiza, que pretendes mais? Queres ir vêr essa gente?

— Não. Bem sabes que me não perseguem saudades do meio, em que vivi, embora não tenha perdido o affecto á terra, onde nasci. Se ao mênos eu lá podesse colocar ainda os que a morte levou! mäs sssim...

— Dizes bem; não falêmos mais n'isso.

— Ao contrário, falêmos, meu querido Adolfo. Sinto um secreto prazer em falar n'isto. E agora que vieram informações... se me permitisses...

— Fala; sê franca. Que queres mais?

— Desejava que, em lugar de eu ir vêr os meus sobrinhos... que... não te zangues... meu Adolfo... que viessem elles vêr-me... a mim...

— Que? Portuguezes... portuguezes... em minha... perdõo... em nossa casa?

— E não sou eu portugûesa, Adolfo? Que muito é que eu pretenda dar noticias minhas, como complemento do nosso romance, aos que ha tantos annos me julgam perdida? Que resentimentos os teus, meu querido! Que culpa têm innocentes de acontecimentos, ha tanto diluidos num longo passado, e verdade verdade, vindos d'uma origem bem pouco justa?

E Luiza advogou calorosamente a sua causa, e o marechal acabou por cedêr, tendo perdido o mau humôr, e dando a sua mulher o assentimento, que ella requeria, com a condição de que elle pessoalmente não interviria no assumpto.

Luiza sorriu-se, e, abraçando-o, disse-lhe meiguamente reprehensiva:

— O meu bom marido, ás vêzes, como nos tempos de rapaz, deixa falar mais a cabeça do que o coração.

— Sim? Pois olha que não aconteceu isso com uma certa pessoa... Um beijo de Luiza agradeceu a allusão ao seu passado.

(Continúa)

Sanches de Frias.

OURO ESCONDIDO

NOVELA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

I

Personagens: o sr. Joaquim Poma; o sr. Rómulo Affanni; os conjuges Trombeta.

Tinha por costume encolerisar-se, todas as noites do anno, o Dr. Roque Trombeta. Parecia-lhe talvez que, quando as funcções de chimificação se completaram durante uma especie de lethargo, é sobremodo favoravel, e concorre a preparar convenientemente nos conductos chyliferos os succos alimenticios, uma serie, bem combinada, de descargas elêctricas do systema nervoso.

Isto, porém, não passa de ser uma hypothese; e o certo é que o doutor embicava com tudo, e comsigo mesmo. A elle, outr'ora facultivo militar, e actualmente enfermo gotoso, chegara-lhe a vez de andar em demanda com a sua enfermidade, e sem estar com meias medidas, pespegava-lhe: que aquillo não eram modos de portar-se com um collega e companheiro d'armas. E eram poucos os momentos em que aquellos dois «franchinotes», o sr. Joaquim Poma e o sr. Rómulo Affanni, amigos da casa, podiam permittir-se uma visita discreta.

Os «franchinotes» tinham, cada um, sessenta annos, cada qual rheumatico parecido e um pouquinho de catarrho; achaques tímidos e medrosos, que elles com sollicito afan encobriam, forrando inuteis lamentações, perante a gota potente do Dr. Roque, O rheumatico, esse occultavam-n'o elles sempre, mas o catarrho, é que não, como bem podeis suppôr.

Se, apesar do temperamento bilioso e da gota do Dr. Roque, o sr. Rómulo Affanni e o sr. Joaquim Poma haviam desejado, primeiramente, como uma ventura e obtido, depois, como uma graça, almoço e jantar a razão de um tanto por dia, em sua casa, direis, lá com vossos botões, que semelhante privilegio redundaria decerto em calamidade de marca maior.

Verdade, verdade, as calamidades, eram duas: a senhora Tranquilina, mulher do Dr. Roque, e sua filha Amalia «a pequena mais bonita de todo o universo».

Antes da ira contra a chuva e contra a neve ter levado de vencida o rancôr contra os homens e induzido o Dr. Roque a trasladar-se do campo para a cidade, residindo em Milão oito mezes no anno, o sr. Rómulo e o sr. Joaquim tinham, tempos havia, adoptado o sabio partido de ajuntar seus maus humores e seus achaques, e fazer vida em commum como dois estudantes da Universidade.

A isto os demovêra o terem observado muita coisa; por exemplo: está provado que nos cafês não se pode permanecer dois minutos, seguidos, em frente de qualquer meza, sem que se receba as caricias de um arsinho perfido, cheio de rheumatismos; no casino, com vontade ou sem ella, ha que palrar, sob pênã de uma pessoa se ver arremada entre os invalidos; depois, nos dias de vento, de chuva, de neve, o individuo chega alli meio-vivo e regressa a casa meio morto!

Não era só isto: uma noite, estreitava-se opera nova no theatro da Scala, Joaquim tivêra de acordar por tres vezes o seu amigo Romulo, que dormia nos braços da sua poltrona, e Romulo prestára igual serviço ao seu amigo, uma vez unica, é verdade, porém no melhor momento, durante um bailado de sacerdotisas. Emfim, não se passava semana sem que Joaquim e Romulo deixassem de sonhar que tinham casa privativa, familia propria, isto é, mulher e meia duzia de filhos dos dois sexos... ou, pelo menos, a meia duzia de filhos sem a mulher, Joaquim, uma das taes noites de auspiciosos sonhos, fora pãe de um pequerruxo muitissimo intelligente, que declinava «Hora, hora», e Romulo houvêra, na mesma noite, uma menina primorosa, loura, qual espiga medrada, branca como o alvor matutino e melancolica como o occaso.

— Creio — observou Romulo, suspirando — que lográmos vêr em sonhos o que realmente deviam ser os nossos filhos. Se assim fora! que celestial lourinha não perdeste, querido Joaquim!

— Assim será, não digo que não — respondeu o sr. Poma cobiando as guias ao bigode que não queria conformar-se com os sessenta annos — Assim será, porque eu tambem vejo os meus filhos tal qual seriam se houvesse diligenciado têl-os; e estou certo... pelo menos parece-me... sim, faço ideia de que não seriam coisa soménos; tu que dizes?

Romulo dizia sempre que sim, inclusivê quando as proprias fantasias, os devaneios philosophicos e sentimentaes lhe não permittiam seguir os giros tortuosos das phrases do Joaquim.

Este, pela sua parte, jamais oppunha ás divagações do amigo um d'aquelles não crueis e pe-remporios, mediante os quaes as discussões se azedam e as amizades perigam. Antes pelo contrario, cada vez que Rómulo, contemplando os insectos, as plantas, as nuvens ou as estrellas, encontrava qualquer ideia curiosa e a expunha, timidamente, a principio, e depois cobrando animo, pouco a pouco, em presença do silencio do companheiro, soltava, n'um abrir e fechar d'olhos, a sua hypothese caprichosa e por fim se detinha, aturdido pela propria audacia; quando Rómulo fazia tudo isto, repetimos, podia ter firme certeza de que Joaquim Poma não dizia que não; apenas aproveitava aquelle primeiro instante de silencio para manifestar sob aspecto novo a propria pessoa.

Isto tudo, como podeis imaginar, era assaz aprazível, porque Joaquim não era um d'esses presumidos vulgares, ostentosos, sempre promptos a impingir ao proximo quanto valem em francos e centesimos; Joaquim tinha modestia, pudôr e dignidade, e sabia com quanta reserva merecem ser tractadas taes virtudes, as quaes, no fim de contas, eram suas e muito suas; levava pela mão os elogios que a consciencia lhe dizia ter merecido, conduzia-os por um labyrintho de dubitativos e condicionaes e disfarçando-os de mil modos e maneiras, envolvendo-os em centos de phrases modestissimas, até que, á força de excusas, de reticencias, apontava o momento azado para os apresentar ao proximo, acompanhados de um sorriso de resignação que parecia significar: «Pertencem-me, mas, que hei-de eu fazer?»

A's vèzes, o elogio que devia á sua pessoa, adaptava-se a ser lançado á laia de impertinencia, ou a ser bruscamente posto em relêvo como censura, engrossando um tanto a voz — isto, porém, era fortuna que nem todos os dias apparecia.

Quer sim quer não, Romulo, durante as affirmações do amigo, ia pensando lá na sua vida e acabava por dizer que sim.

Joaquim e Romulo haviam, conforme o leitor terá observado, nascido para se entenderem.

Ora pois, em certa manhã formosissima, o sr. Poma falou d'este modo ao sr. Affanni:

— Meu cáro Romulo, tens sessenta annos feitos; não digo que sejam muitos... os annos nunca são muitos para quem os aguenta bem, e tu agental-os famosamente; estou quasi em dizer que eu, que tenho cincoenta e nove, pareço mais velho... Não me digas que não... eu bem me conheço.

Basta que eu durma mal ou não faça bem a digestão, e dir se-hia, logo, que tenho mais dois annos do que tu. Em fim, não insistamos; os annos nada fazem ao caso; o que importa é o aborrecimento. Ando aborrecido, e tu?

— Eu tambem.

— Perfeitamente. Quando, á noite, entro em casa, encontro os aposentos êrmos, frios, o criado a dormir na casa d'entrada, e sinto que aquelle vácuo e aquelle frio me penetram até ao coração. E tu?

— Eu tambem.

— Tive uma ideia: ponhamos casa! Os rheumatismos lá do café não virão ter conosco, mas hão de vir os amigos lá do Casino. Quer-me parecer que os genios de nós ambos se dariam muito bem; conhecemo-nos; não necessitarei de muita indulgencia para desculpar os teus defeitos, e tu não precisarás talvez de muito... para desculpare os meus.

Dizendo isto, sorria Porventura não seria claro como agua que os defeitos d'elle eram apenas feiticéiras qualidades?

— Estamos d'accôrdo; disse Romulo.

E estiveram. A intimidade revelou-lhes que tinham mais pontos de semelhança do que elles proprios suppunham: as opiniões religiosas e politicas e as demais opiniões esquecidas, que achamos de novo aos 60 annos, eram identicas. Romulo e Joaquim podiam saborear a unica, incomparavel e util doçura das discussões: caminharem metaphisicamente de braço dado, por vias de ambos conhecidas; apontarem com o dedo um ao outro novos horizontes; verem as proprias ideias sob diferentes aspectos, e adoptarem dilemmas convincentes, triumphantes, invenciveis,

para acabarem por convencer-se do que para ambos era artigos de fé.

Se alguma vez ante elles por momentos se abriam duas vias oppostas, eram apenas sendas caprichosas, veredasinhas de pé posto, ao sahir das quaes os companheiros de jornada, de braço dado, mettiam á estrada real. Esta imagem das veredas não é da nossa lavra. Foi Joaquim o primeiro que fez semelhante achado: Romulo seguira-o cheio de boa vontade, e entre ambos, corrigindo e recompondo, haviam acabado por sentenciar, tambem de commum accordo, o seguinte:

Ha dois modos de discutir: tomar pela mesma estrada, com o mesmo passo, amparando-se mutuamente, esclarecendo-se e confortando-se alternadamente. e isto é a discussão util. O outro modo principia logo por uma encruzilhada; ninguém sabe onde irá dar; quanto mais cada um avança, mais se aparta do outro, falas tu e eu não te escuto, porque estou a pensar no que heide dizer quando te calares; se pensastes em não te calares, atalho-te; não me prestas attenção, interrompes-me, até que estamos tão distantes, que já não é possível entendêrmo-nos. Separarmo-nos, (e é a hypothese mais favoravel) sem chamarmos «imbecil!» um ao outro, em voz alta, repetindo-o cada qual de si para si, em voz baixa, e cada um ficando com a opinião que tinha antes: — esta é a discussão inutil.

Esta especie de discussão jámais a entabolvam os dois amigos.

Ambos padeciam de insomnia; durante as extensas noites de inverno, dormindo no mesmo aposento e em camas gemeas, accordavam, mantinham-se durante algum tempo silenciosos, para se não incomodarem mutuamente, e Romulo, depois, suspirava: Joaquim! e Joaquim, como uma móia, erguia-se dizendo: Romulo!

Accendiam a vela e começavam a palrar; por deante dos olhos dos dois velhotes, esquecidos do rheumatico, desfilava uma procissão de fantasmas do passado.

Joaquim, a despeito do seu aspecto descuidado, escrevera um poema; cada noite recitava um canto e jámais chegava a exgotá-lo: era um poema eterno! Santo Deus! Quantas coisas não havia feito o Joaquim!

Romulo, não, coitadito! A sua vida fóra sempre contemplativa; suas emprezas sem heroismo; suas conquistas fáceis, e não por que tivesse sido irresistivel, mas sim porque posera sempre cerco a fortalezas rendidas pela fome. Sentia-se satisfeito — e manifestava-o ingenuamente — de não ter feito chorar mulher alguma, no dia em que a abandonára; de não haver causado o minimo menoscabo a nenhum marido, de não ter offendido, violado ou profanado fosse o que fosse.

Com tão felizes disposições — direis vós — porque é então que não casou?

O proprio Joaquim lhe havia feito repetidas vezes esta pergunta, e julgára-se sempre obrigado a retorquir primeiro a idêntica pergunta que a elle proprio lhe podia ser dirigida.

Elle, o que aliás se comprehende, não casára, porque quasi todas as mulheres que por elle se tinham apaixonado loucamente eram casadas. Uma, que tendo enviado o marido para o outro mundo, queria um d'este, e confiava em Joaquim, por pouco não fica sem olhos, pois estiveram para lh'os arrancar não sei quantas formosuras abandonadas. Joaquim, no intuito de lhe conservar a vista, deixára-a casar com outro: a pobresinha chorára immenso, mas, no fim de contas para isso é que as mulheres tem olhos, e bem peor fóra deixar que lh'os arrancassem e não ter podido chorar nunca mais.

Assim pois, Joaquim, lamentando-se de não ter mulher e filhos, fazia-o com fundamento. Mas o Romulo?

(Continúa)

Pin-Sel.



VENANCIO PEDRO DE MACEDO ALVES



MEDALHA DAS EXPEDIÇÕES A MOÇAMBIQUE E Á INDIA



MOEDA DO CENTENARIO DA INDIA

Já alcança o numero de 5 fasciculos a collecção dos Annaes da Commissão Central Executiva do centenario do descobrimento da India

O primeiro dos volumes insere o *Relatorio e documentos iniciais* e os quatro restantes contem a *Correspondencia e actas*. Constituem estes annaes os subsidios officiaes que no seu agrupamento formam a interessante historia da vida e actos da nobre commissão.

Para as crianças — N.º 1 da 2.ª serie e 7.ª de publicação — Outubro de 1897, por D. Anna Osorio de Castro. — Setubal.

Este voluminho enceta a 2.ª serie da elegante collecção infantil. A pedido dos leitores, segundo declara o illustre auctor, continúa esta serie inserindo contos phantasticos, como os mais suggestivos e gratos á tenra imaginação das crianças.

Com este numero, é distribuida a capa e o indice da primeira serie que forma um gracioso voluminho.

Almanach illustrado do «Seculo» para 1898. Empresa do jornal «O Seculo» — Lisboa.

Superior ao do anno anterior, apresenta-se este annuario bastante curioso, merecendo verdadeiro apreço pela bem ordenada disposição das materias que alliam o interesse á utilidade.

Distinguiremos um bem elaborado artigo sobre sericultura e sericotechnia escripto pela penna auctorizada do agronomo sr. A. V. V. Corrêa de Barros. Oxalá a sua leitura attraia a justa attenção que deve merecer.

O centenario no Extranjeiro — conferencias por Magalhães Lima — Lisboa — 1897.

Em um folheto de cerca de trinta paginas, publicou-se na collecção intitulada *Vesperas do Centenario*, a brilhante conferencia que o nosso illustre amigo e collega Magalhães Lima realisou na Sociedade de Geographia, na noite de 11 de novembro de 1897, e que teve por thema o *Centenario no Extranjeiro*.

Foi com esta conferencia que se inaugurou a serie, que alguns dos nossos mais notaveis homens de letras tencionavam alli fazer até á celebração centennial.

N'esta sua notavel exposição, Magalhães Lima demonstrou exuberantemente como foi recebida e acolhida no extranjeiro a grande celebração e prova que apezar de tudo quanto se nos tem asacado, encontramos uma extrema solidariedade nos sabios, homens de letras, jornalistas, academicos e historiadores geographicos mais conceituados da Europa e do mundo.

Eis um facto deveras consolador.

Gazette diplomatique. et consulaire du Portugal publication mensuelle — Directeur. — Carlos Lisboa.

Redigida em francez, esta revista trata todavia de assumptos do mais alto interesse, para Portugal, graças á cuidadosa redacção que o sr Carlos Lisboa lhe dá, inserindo retratos e vistas relativas ao nosso paiz e acompanhando-as de interessantes artigos.

A' excellente publicação desejamos longa vida, o que não será difficil attento que já entrou no seu segundo anno.

Portugal Agricola, dedicado aos interesses fomento, progresso e defesa da lavoura na metropole e nas colonias. — Redactor-proprietario, João Achilles Riyamonti. — Rua da Imprensa Nacional — 66 — Lisboa.

Temos recebido regularmente este importante periodico, selectamente redigido pelos agronomos mais

distinctos do nosso paiz e contendo valiosos estudos sobre questões de subida importancia. Num paiz essencialmente agricola como o nosso seria muito para desejar a abundancia de revistas da especialidade, porém, entre nós, apenas o *Portugal Agricola* tem alcançado tão longa vida, pois em breve contará dez annos de publicação.

Como se sabe são seus redactores effectivos os srs: Adolfo Scheper Fassio, Dom A. X. Pereira Coutinho, Cincinnato da Costa, Henrique de Mendia, J. V. Paula Nogueira e D. Luiz de Castro, aos quaes cabem justos elogios pela selecção dos assumptos e proficiencia dos seus escriptos.

Almanach illustrado do «Occidente»

Para 1898

Está a publico este interessante annuario profusamente illustrado e com primorosa collaboraçã litteraria.

A capa é um lindo chromo representando o «Adamastor». Preço 200 réis, pelo correio 220 réis, cartonado 300 réis.

A venda em todas as livrarias e na EMPRESA DO «OCCIDENTE» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

LIVROS PARA RIR

O NARIZ DO TABELLIÃO

Por E. ABOUT

Traducção de Pin-Sel

Um vol. illustrado com uma linda capa a côres

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220

Pedidos á Empresa do Occidente, largo do Poço Novo — Lisboa.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro. 25 a 39

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Annúes da Commissão Central Executiva em Lisboa — Imprensa Nacional — 1895 a 1897.